

Inventio e resistência criativa em Michel de Certeau: críticas à modernidade e reconstrução do saber

Inventio and creative resistance in Michel de Certeau: critiques of modernity and the reconstruction of knowledge

Cainan Espinosa Gimenes*

Resumo: Este artigo aborda as tensões e contradições da modernidade, que, ao se afirmar como paradigma universal de progresso e controle, frequentemente marginaliza saberes alternativos e práticas culturais dissidentes. Fundamentado nos pensamentos de Michel de Certeau, Edgar Morin e Boaventura de Sousa Santos, o trabalho investiga como as práticas cotidianas, historicamente relegadas à banalidade, emergem como formas de resistência e espaços de criatividade e reinvenção. O conceito de inventio é analisado como um processo dinâmico de descoberta e criação, que ultrapassa a inovação técnica para se configurar como uma prática ética e epistemológica. A interdisciplinaridade, por sua vez, é apresentada como um elemento-chave para a reconstrução de epistemologias mais inclusivas e dialógicas, capazes de desafiar as fronteiras rígidas do saber moderno. Em um contexto globalizado e marcado pela modernidade líquida, a valorização da diversidade epistêmica, das subjetividades e das margens torna-se essencial para um conhecimento transformador. Assim, a inventividade, orientada por valores éticos e sustentada por múltiplas perspectivas, é apontada como um eixo central para repensar as relações entre poder, saber e criatividade na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Modernidade; Inventio; Interdisciplinaridade; Resistência criativa; Alteridade.

Abstract: This article addresses the tensions and contradictions of modernity, which, while asserting itself as a universal paradigm of progress and control, often marginalizes alternative knowledge and dissenting cultural practices. Based on the thoughts of Michel de Certeau, Edgar Morin, and Boaventura de Sousa Santos, the study explores how everyday practices, historically relegated to banality, emerge as forms of resistance and spaces of creativity and reinvention. The concept of inventio is analyzed as a dynamic process of discovery and creation that goes beyond technical innovation to establish itself as an ethical and epistemological practice. Interdisciplinarity is presented as a key element for the reconstruction of more inclusive and dialogical epistemologies, capable of challenging the rigid boundaries of modern knowledge. In a globalized context marked by liquid modernity, valuing epistemic diversity, subjectivities, and margins becomes essential for transformative knowledge. Thus, inventiveness, guided by ethical values and supported by multiple perspectives, is highlighted as a central axis for rethinking the relationships between power, knowledge, and creativity in contemporary society.

Keywords: Modernity; Inventio; Interdisciplinarity; Creative resistance; Otherness.

* Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

Introdução

A modernidade, entendida como um projeto histórico e cultural fundamentado na racionalidade e no progresso técnico-científico, prometeu a organização definitiva da vida humana, oferecendo respostas claras às complexidades sociais, políticas e culturais. Entretanto, como salientam pensadores como Michel de Certeau e Edgar Morin, essa promessa, embora sedutora, revelou uma série de contradições ao longo de seu desenvolvimento. A modernidade consolidou-se por meio de uma disciplinarização do saber, caracterizada pela criação de fronteiras rígidas entre o que é considerado legítimo e marginal, promovendo uma hierarquização que moldou a produção e a circulação do conhecimento (CERTEAU, 2014, p. 61).

Essa disciplinarização do saber é um reflexo das estruturas de poder que sustentam o projeto moderno. Ao priorizar a especialização em detrimento da integração, a modernidade fragmentou o conhecimento em áreas isoladas, dificultando o diálogo entre disciplinas e a compreensão holística dos fenômenos. Edgar Morin, em *Ciência com Consciência*, alerta para os perigos dessa fragmentação, argumentando que ela resulta em um paradoxo: enquanto os conhecimentos especializados se tornam mais precisos, o sentido geral da existência humana se perde em abstrações desconectadas da realidade concreta (MORIN, 2000, p. 99). Essa tensão entre especialização e totalidade ilustra uma das principais limitações do paradigma moderno.

Ademais, ao fixar normas universais e categorias aparentemente neutras, o projeto moderno subestimou a diversidade das experiências humanas e das formas de saber locais. Michel de Certeau nos lembra que a modernidade não apenas exclui, mas apaga ativamente as vozes que desafiam sua narrativa dominante, relegando-as às margens ou silenciando-as completamente. Essa exclusão, por sua vez, impede o enriquecimento do conhecimento, pois ignora as contribuições das práticas culturais singulares, das tradições populares e dos saberes alternativos. Como observa Boaventura de Sousa Santos, o epistemicídio — termo que ele utiliza para descrever a eliminação sistemática de outras epistemologias — é um dos legados mais graves da modernidade.

A modernidade líquida, conceito introduzido por Zygmunt Bauman, aprofunda ainda mais essas contradições ao destacar a fragilidade das estruturas tradicionais e a fluidez das relações contemporâneas. Embora a liquidez ofereça oportunidades para a

inovação e a flexibilidade, ela também amplifica a instabilidade e a incerteza, exigindo uma capacidade constante de adaptação. Nesse cenário, a inventividade torna-se não apenas uma escolha, mas uma necessidade para lidar com as complexidades de um mundo em transformação. Essa inventividade, no entanto, precisa ser acompanhada por uma reflexão ética, como aponta Bento XVI em *Caritas in Veritate*, onde destaca que a inovação só é genuína quando orientada pelo bem comum e pela verdade (BENTO XVI, 2009, p. 5).

Michel de Certeau, em suas análises sobre as práticas cotidianas, oferece uma visão alternativa e profundamente inspiradora sobre como resistir às lógicas de exclusão e controle impostas pela modernidade. Para ele, o cotidiano, muitas vezes desprezado como espaço de banalidade, é, na verdade, um campo de resistência e criatividade. Suas "táticas" — ações que operam dentro dos limites estabelecidos pela ordem dominante, mas que subvertem essas regras de maneira criativa — revelam o potencial transformador das práticas mais ordinárias (CERTEAU, 2014, p. 93). Essas táticas desafiam a imposição de normas rígidas e abrem caminhos para novas possibilidades de significado e interação.

Nesse sentido, o conceito de inventio adquire um papel central na discussão. Entendida como o ato de "encontrar" ou "descobrir", mas também como uma prática criativa e inventiva, a inventio representa a capacidade de transcender as limitações impostas pelo pensamento hegemônico, conectando saberes diversos e valorizando a alteridade. Esse conceito, ao dialogar com as práticas cotidianas descritas por Certeau, as epistemologias alternativas propostas por Boaventura de Sousa Santos e o pensamento complexo de Edgar Morin, oferece uma base teórica rica para repensar a produção do conhecimento em tempos de incerteza.

Assim, o presente artigo busca explorar as contradições do projeto moderno, destacando os desafios e as oportunidades que emergem da resistência criativa no cotidiano e da reconstrução epistemológica. Ao articular as contribuições de Michel de Certeau, Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e outros pensadores, propõe-se uma análise interdisciplinar que valorize a diversidade e a criatividade como forças centrais para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo. A inventio, como prática transformadora, será abordada como uma possibilidade de reconstrução do conhecimento, conectando saberes marginais e desafiando as lógicas fragmentadas da modernidade.

A modernidade e suas contradições

O projeto moderno, ao se afirmar como paradigma universal, trouxe consigo uma promessa de progresso e controle, baseada na crença de que o avanço técnico e científico seria capaz de organizar a vida humana de maneira definitiva. No entanto, como observa Michel de Certeau, esse controle possui uma face oculta: ele também opera como uma forma de exclusão. A modernidade, ao disciplinarizar o saber, estabelece fronteiras rígidas que delimitam o que é considerado legítimo e marginal.

Essa construção do conhecimento especializado, muitas vezes apresentado como neutro e objetivo, torna-se, na verdade, um mecanismo de poder que molda tanto a sociedade quanto suas instituições, reforçando estruturas hierárquicas e privilegiando certas formas de conhecimento em detrimento de outras (CERTEAU, 2014, p. 61).

Ao fixar normas e categorias universais, o projeto moderno não apenas impõe um padrão único de racionalidade, mas também elimina a possibilidade de diálogo com outros modos de conhecimento e existência. Essa tentativa de homogeneizar o mundo subestima as práticas locais, as tradições culturais e as vozes dissidentes que enriquecem a experiência humana. Michel de Certeau observa que esse processo não é apenas uma questão de exclusão, mas de apagamento ativo das diferenças, onde o que é considerado "não legítimo" é relegado à margem ou simplesmente silenciado (CERTEAU, 2014, p. 61).

Essa exclusão é também um reflexo das relações de poder subjacentes ao projeto moderno. O controle que busca estabilizar o sistema opera de forma sistemática ao transformar a diversidade em uniformidade forçada, usando a disciplinarização do saber como ferramenta para moldar subjetividades e práticas sociais. Ao recusar a multiplicidade de perspectivas, a modernidade sacrifica a riqueza criativa da experiência humana em nome de uma suposta ordem universal. Essa dinâmica, segundo Certeau, revela uma tensão fundamental: enquanto promete progresso e universalidade, a modernidade constrói barreiras que limitam o próprio alcance de seu ideal emancipatório.

Além disso, ao desconsiderar as práticas cotidianas e as expressões culturais singulares, a modernidade subverte sua própria lógica de inovação e experimentação. A tentativa de impor um modelo único não apenas restringe a liberdade criativa, mas

também inibe a capacidade de adaptação e resiliência das sociedades. Essa tensão, entre controle e diversidade, não é apenas teórica; é profundamente sentida em contextos em que comunidades lutam para preservar suas identidades e resistir à homogeneização cultural.

Certeau, assim, nos convida a refletir sobre o potencial subversivo das práticas cotidianas e da criatividade humana. Ele aponta para a necessidade de valorizar as margens, os saberes minoritários e as táticas de resistência que desestabilizam a uniformidade, ou seja, entender o lugar de onde se fala. Por exemplo, no livro *A Escrita da História*, Michel de Certeau enfatiza a importância de reconhecer o "lugar" de onde se fala, afirmando que "a evidenciação da particularidade deste lugar de onde falo, efetivamente prende-se ao assunto de que se vai tratar e ao ponto de vista através do qual me proponho examiná-lo" (CERTEAU, 1982, p. 31). Essa perspectiva ressalta que toda produção de conhecimento é influenciada pelos contextos específicos, incluindo experiências pessoais, formação e posição social. Ao reconhecer essas particularidades, Certeau nos convida a valorizar as margens, os saberes minoritários e as táticas de resistência que desestabilizam a uniformidade, promovendo uma compreensão mais inclusiva e pluralista da realidade. Esse chamado para reconhecer a pluralidade e a riqueza das práticas locais é um apelo urgente em um mundo cada vez mais globalizado, onde a tensão entre o local e o universal continua a moldar nossas sociedades.

Nesse sentido, torna-se urgente destacar a recusa de se deixar aprisionar por um único modelo teórico. Essa recusa não é apenas uma rejeição ao paradigma dominante, mas um convite à experimentação, um movimento que valoriza a fluidez, a criatividade e a abertura para novos horizontes de pensamento. Ir além das estruturas fixas implica questionar as bases do saber institucionalizado e buscar formas alternativas de compreender e interagir com o mundo. Michel de Certeau, em sua análise das práticas cotidianas, nos ensina que essas táticas individuais e coletivas representam formas criativas de resistência, que frequentemente escapam ao controle das grandes estruturas. Tal perspectiva enfatiza a importância de valorizar não apenas o discurso hegemônico, mas também os saberes minoritários, aqueles que desafiam as normas estabelecidas e propõem novas maneiras de estar no mundo.

Essa recusa ao aprisionamento por modelos rígidos não se limita às teorias; ela também se reflete nas práticas culturais e sociais. Para Certeau, o cotidiano é um campo

de luta e invenção, onde as táticas dos indivíduos resistem às estratégias das instituições. Nesse contexto, o ato de se recusar a aceitar um único paradigma é, por si só, uma forma de resistência, que revela a potência do indivíduo e das coletividades em subverter as imposições do poder. Essa abordagem crítica se conecta diretamente às reflexões sobre a modernidade líquida de Zygmunt Bauman, que enfatiza a fragilidade das certezas e a fluidez das estruturas sociais no mundo contemporâneo. Enquanto a modernidade sólida buscava a fixação de verdades universais, a modernidade líquida abre espaço para múltiplas narrativas e experiências, mesmo que isso implique certa instabilidade.

Ao rejeitar as formas fixas e os modelos teóricos estanques, abre-se espaço para a experimentação como prática criativa e transformadora. Certeau demonstra que a criatividade humana, expressa por meio de táticas cotidianas, é capaz de desafiar a rigidez dos "lugares próprios" e reimaginar os espaços sociais. Essa experimentação não é apenas uma alternativa ao paradigma dominante, mas um processo de reinvenção constante, que reconhece a importância da diversidade e da alteridade como componentes essenciais de uma sociedade dinâmica. Assim, a recusa de um único modelo teórico torna-se também uma afirmação de pluralidade e um convite ao diálogo entre diferentes perspectivas.

Esse movimento de valorização das práticas marginais e das resistências cotidianas se faz ainda mais relevante em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado. As fronteiras entre os espaços locais e globais se tornam difusas, exigindo novas formas de pensar e agir que transcendam os limites tradicionais. A experimentação, nesse sentido, não é apenas uma escolha, mas uma necessidade para enfrentar os desafios de um mundo em constante transformação. É nessa abertura ao novo que reside o potencial para construir alternativas que respondam à complexidade e à multiplicidade da experiência humana, reconhecendo que nenhuma teoria ou modelo pode abarcar plenamente a riqueza do real.

A experimentação, nesse contexto, torna-se uma ferramenta fundamental para resgatar a vitalidade do saber e dar voz aos sujeitos e práticas marginalizados. É por meio desse processo que se abre espaço para resistir à homogeneização imposta pelo projeto moderno, permitindo que a subjetividade, a alteridade e as práticas cotidianas subvertam as lógicas de controle. Como ressalta Emmanuel Levinas, a alteridade não é apenas um componente da existência, mas o seu próprio fundamento. Para ele, "a relação com o outro não é assimilação, mas acolhimento do que não pode ser reduzido à nossa própria medida"

(Levinas, 1980, p. 89). Essa perspectiva ressalta a importância de acolher o outro em sua singularidade, desafiando os sistemas que buscam padronizar a experiência humana.

Nesse sentido, o pensamento de Michel de Certeau nos desafia a adotar uma postura crítica frente à modernidade, reconhecendo tanto suas realizações quanto suas limitações, e nos convida a explorar caminhos que celebrem a diversidade e a criatividade como forças transformadoras. Para Certeau, a resistência à uniformidade não se dá por meio de grandes revoluções, mas pelas pequenas táticas do cotidiano — gestos que, embora aparentemente insignificantes, têm o potencial de desestabilizar sistemas de controle e criar novas possibilidades de existência.

A inclusão da perspectiva de Levinas enriquece essa análise ao destacar que a relação ética com o outro é fundamental para qualquer projeto que aspire à pluralidade e à justiça. A alteridade, nesse contexto, não é apenas um desafio ao paradigma moderno, mas uma oportunidade para repensar a maneira como construímos saberes, instituições e relações. É nesse encontro com o outro, que se recusa a ser reduzido ou silenciado, que reside o potencial transformador da experimentação e da criatividade. Assim, o pensamento de Certeau e Levinas converge na valorização do diverso e na crítica às lógicas que privilegiam a homogeneidade, apontando para um futuro onde a diferença seja celebrada como um motor de inovação e humanidade.

Entretanto, ao focar exclusivamente no que pode ser mensurado, categorizado e controlado, a modernidade acaba por ignorar a complexidade do real. Edgar Morin, em *Ciência com Consciência*, destaca que essa fragmentação epistemológica resulta em lacunas que dificultam a compreensão dos fenômenos em sua totalidade. "A especialização extrema obscurece a visão global e enfraquece nossa capacidade de lidar com os problemas interconectados do mundo" (MORIN, 2000, p. 89).

Essa limitação torna-se ainda mais evidente na transição para a modernidade líquida, descrita por Zygmunt Bauman. A fluidez contemporânea não eliminou as estruturas de poder; pelo contrário, tornou-as mais sutis e difíceis de identificar. Como Bauman aponta, "vivemos em uma época de incertezas constantes, onde as antigas regras foram dissolvidas, mas novos sistemas de controle emergem, ainda que de forma invisível" (BAUMAN, 2001, p. 33).

Nesse contexto, Bento XVI, o refletir sobre os desafios éticos e culturais do mundo contemporâneo, oferece uma crítica que complementa as preocupações de

Certeau. Em sua homilia na Missa Pro Eligendo Romano Pontifice, em 2005, Bento XVI alertou sobre o risco do relativismo cultural e epistemológico que, longe de libertar, aprisiona: "Estamos nos formando uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que tem como medida apenas o próprio eu e seus desejos." Essa visão, articulada em um momento decisivo para a Igreja Católica, aponta para os perigos de uma sociedade que rejeita verdades objetivas em favor de uma subjetividade absoluta. Nesse sentido, sua crítica se alinha com a necessidade de questionar as bases do saber institucionalizado e buscar formas de interação com o mundo que transcendam a fragmentação e promovam uma reconstrução ética e coletiva.

Essas diferentes abordagens ajudam a preparar o terreno para uma análise mais aprofundada das contradições e possibilidades da modernidade, especialmente no que tange à valorização dos saberes marginais e à capacidade criativa de reinventar os modos de produzir e compartilhar conhecimento. Michel de Certeau nos conduz a reflexões sobre práticas cotidianas que resistem às lógicas de controle. A partir desses pressupostos, trazemos a contribuição do conceito de *Inventio*, entendido como um mecanismo que permite a emergência de novas formas de saberes, bem como sua conexão com as práticas marginalizadas e as possibilidades criativas que escapam às normas impostas pelo pensamento hegemônico. O projeto moderno, ao se afirmar como paradigma universal, trouxe consigo uma promessa de progresso e controle, baseada na crença de que o avanço técnico e científico seria capaz de organizar a vida humana de maneira definitiva. No entanto, como observa Michel de Certeau, esse controle possui uma face oculta: ele também opera como uma forma de exclusão. A modernidade, ao disciplinarizar o saber, estabelece fronteiras rígidas que delimitam o que é considerado legítimo e marginal.

Inventio e saberes marginais

O cotidiano, tantas vezes relegado ao plano da banalidade, assume um papel central na análise de Michel de Certeau como um espaço de resistência e criatividade. Ele não é apenas um cenário passivo onde as estruturas de poder se manifestam, mas um campo dinâmico e plural, repleto de possibilidades para a contestação e a reinvenção da ordem estabelecida. Para Certeau, as práticas cotidianas são expressões de "táticas",



entendidas como ações que operam dentro das regras impostas pela ordem dominante, mas que, ao mesmo tempo, subvertem essas regras de maneira silenciosa, sutil e muitas vezes imperceptível para os detentores do poder (CERTEAU, 1994, p. 93).

Essas táticas não se configuram como grandes atos de rebeldia, mas como formas discretas de apropriação e transformação dos espaços e discursos que, à primeira vista, parecem dominados por lógicas de controle. Um exemplo comum pode ser visto nas práticas de consumo, onde o ato de consumir algo de maneira diferente do previsto pelos produtores transforma o objeto de consumo em algo próprio, atribuindo-lhe novos significados. A caminhada pela cidade, que escapa à lógica utilitarista e se transforma em um ato de exploração e prazer, é outro exemplo que ilustra como os indivíduos reconfiguram os espaços e ressignificam as práticas cotidianas.

Certeau descreve essas táticas como uma arte do fazer, caracterizada por sua improvisação, criatividade e adaptabilidade. Elas se diferenciam das estratégias, que são formas de controle exercidas por instituições, corporações e outras estruturas organizadas de poder, baseadas na posse de espaços definidos e na previsibilidade das ações. Já as táticas, por não terem um "lugar próprio" de onde operar, se movimentam no território do outro, utilizando os recursos disponíveis para criar brechas e instabilidades no sistema.

As estratégias postulam um lugar próprio de onde podem gerar relações com uma exterioridade distinta. As táticas, ao contrário, não têm lugar próprio. Elas se insinuam nas redes da ordem estabelecida e aproveitam as oportunidades que essa oferece. A tática é uma arte do fraco. (CERTEAU, 2014, p. 49-50).

Essa perspectiva redefine a maneira como compreendemos o poder e a resistência, destacando que, mesmo nas situações de aparente submissão, os indivíduos encontram maneiras de negociar, transformar e resistir às imposições externas. Em vez de retratar o cotidiano como um espaço de mera reprodução das estruturas de poder, Certeau nos convida a enxergá-lo como um terreno fértil para a invenção e a criatividade, onde as práticas mais ordinárias revelam um potencial subversivo e emancipador. Assim, o cotidiano se torna um locus privilegiado para a análise das relações entre poder, cultura e subjetividade, desafiando a visão tradicional que o reduz à insignificância ou à mera rotina.

A inventividade, compreendida em sua raiz etimológica como o ato de "descobrir" ou "encontrar" algo novo, adquire um papel central na construção do conhecimento,

especialmente quando situada no contexto das práticas cotidianas. Michel de Certeau ressalta que a resistência criativa do cotidiano se dá não por meio de grandes rupturas, mas através de pequenas ações que desafiam e subvertem a lógica disciplinar predominante. Essas ações não apenas questionam a ordem estabelecida, mas também abrem caminhos para novas possibilidades epistemológicas, permitindo que diferentes perspectivas se tornem visíveis.

Essa ideia conecta-se diretamente com o pensamento de Edgar Morin, que argumenta em *Ciência com Consciência* que a inovação genuína surge do diálogo entre saberes diversos. Morin enfatiza a importância de um pensamento complexo, que integre diferentes disciplinas e reconheça as interconexões entre os diversos campos do saber. A inventividade, nesse sentido, não é apenas um ato criativo individual, mas também um processo coletivo que valoriza a interação e a complementaridade entre diferentes formas de conhecimento.

Boaventura de Sousa Santos também contribui de forma significativa para essa discussão ao apresentar sua proposta de "ecologia de saberes", um modelo teórico que busca superar o epistemicídio promovido pela modernidade ao valorizar e integrar as epistemologias alternativas e marginais. Para Santos, as estruturas hegemônicas do conhecimento científico ocidental impuseram um monopólio sobre o saber, relegando outras formas de conhecimento – como o saber tradicional, popular ou indígena – à condição de "não saber". Esse processo, segundo ele, não apenas silencia vozes históricas, mas também limita a riqueza e a diversidade do pensamento humano.

Como aponta o autor, "o conhecimento científico não é o único saber legítimo; é necessário reconhecer e integrar as vozes e práticas dos povos historicamente silenciados" (SANTOS, 1988, p. 112). Essa afirmação reflete a crítica de Santos ao paradigma epistemológico moderno, que frequentemente privilegia o universalismo em detrimento do local, do particular e do diverso. Para ele, a ciência moderna precisa ser descentrada, permitindo um diálogo entre saberes que não hierarquize, mas reconheça a pluralidade e a complementaridade entre diferentes perspectivas.

A proposta de Santos ressoa com a ideia de inventividade presente em Certeau e com o pensamento complexo de Morin. Enquanto Certeau foca na criatividade cotidiana como forma de resistência e transformação, e Morin destaca a importância de um pensamento transdisciplinar, Santos enfatiza a necessidade de um reconhecimento

político e epistemológico das vozes subalternas. Em conjunto, essas perspectivas propõem um repensar profundo da forma como o conhecimento é produzido, distribuído e legitimado, apontando para uma renovação das práticas epistemológicas em direção a uma maior inclusão, diversidade e justiça cognitiva.

Na modernidade líquida, como observa Bauman, a inventividade torna-se ainda mais importante. Em um mundo onde as estruturas tradicionais se desmancham, a capacidade de improvisar e criar torna-se uma estratégia indispensável para lidar com a incerteza. A fluidez da modernidade líquida não implica que as vidas humanas, expostas às forças desagregadoras dessa fluidez, sejam livres de escolhas ou que estejam condenadas a uma desorientação perpétua. Pelo contrário, é justamente na habilidade de improvisar e se adaptar ao inesperado que se encontra o ponto de força. As pessoas são convocadas a usar sua inventividade para transformar a incerteza em oportunidade, ainda que em meio ao colapso das normas e padrões tradicionais (BAUMAN, 2001, p. 89).

Na modernidade líquida, os sólidos se desmancham mais rapidamente do que nunca, e as formas de conhecimento se tornam cada vez mais flexíveis, permitindo um cruzamento de fronteiras anteriormente intransponíveis. (BAUMAN, 2001, p. 6).

Contudo, essa criatividade precisa estar ancorada em valores éticos sólidos. Bento XVI, em sua encíclica *Caritas in Veritate*, destaca que "o desenvolvimento precisa ser orientado pela caridade na verdade, que confere substância humanista e ética à inovação" (BENTO XVI, 2009, p. 5). Assim, a inventividade, longe de ser um mero exercício técnico ou funcional, deve estar voltada para a promoção do bem comum e o respeito à dignidade humana.

Reconstruindo o conhecimento

As práticas cotidianas, ao serem entendidas como táticas de resistência, transcendem sua aparente simplicidade. Michel de Certeau, em *A Invenção do Cotidiano*, oferece uma perspectiva ampliada dessas ações, destacando que elas não são apenas respostas reativas ao poder dominante, mas formas criativas e inventivas de interagir com o espaço e o tempo. Ele aponta que as práticas cotidianas têm a capacidade de produzir significados, muitas vezes em oposição às narrativas dominantes. São "formas de

produzir sentido em um mundo que frequentemente ignora as subjetividades individuais e coletivas" (CERTEAU, 2014, p. 145).

Essas táticas operam por meio de uma reapropriação dos recursos e espaços que, formalmente, não pertencem aos agentes que as realizam. São gestos aparentemente banais, como uma escolha linguística, a organização do ambiente doméstico ou a ocupação de um espaço urbano, mas que carregam uma força transformadora. Para Certeau, essas ações não apenas subvertem a ordem estabelecida, mas também constroem novas formas de entendimento e percepção, desafiando o monopólio do poder sobre os significados e as práticas sociais.

A fragilidade aparente das práticas cotidianas esconde sua profundidade: são modos de resistência que questionam os sistemas dominantes sem enfrentá-los diretamente. Certeau explica que "as táticas transformam os elementos do ambiente institucionalizado em fragmentos de singularidade, em expressões de uma criatividade própria" (CERTEAU, 2014, p. 147). Dessa forma, cada ato de resistência é também um ato de criação, no qual o indivíduo ressignifica sua relação com o espaço, com os objetos e com outros indivíduos.

Ao dialogar com Edgar Morin, no conceito de "pensamento complexo", e com Boaventura de Sousa Santos, na proposta de "ecologia de saberes", nota-se que as práticas descritas por Certeau desempenham um papel fundamental na construção de novas epistemologias. Como argumenta Santos, "os saberes marginalizados não são apenas sobrevivências do passado, mas fontes de inovação e criatividade que desafiam a hegemonia do conhecimento dominante" (SANTOS, 1988, p. 114). Essas práticas cotidianas não apenas resistem, mas também questionam e reformulam as bases do saber institucionalizado, criando novas possibilidades epistemológicas.

A força dessas práticas está, portanto, em sua capacidade de atuar nas fissuras das estruturas estabelecidas, transformando resistência em criação. Elas reconstróem epistemologias ao oferecer alternativas ao paradigma moderno e celebrar a diversidade dos saberes. Como afirma Certeau, "o cotidiano é uma reserva infinita de invenções e táticas que recriam o mundo, mesmo diante das condições mais adversas" (CERTEAU, 2014, p. 150).

Essa reconstrução passa, necessariamente, pela interdisciplinaridade, que se apresenta como um caminho essencial para superar as limitações impostas pelos modelos

de conhecimento compartimentados. José D'Assunção Barros destaca que o diálogo entre disciplinas não apenas amplia o horizonte do conhecimento, mas também permite que conceitos sejam ressignificados e utilizados de maneiras inovadoras. Em outras palavras, a interdisciplinaridade não se limita a combinar saberes distintos, mas promove a transformação das próprias bases conceituais e metodológicas de cada área.

Os conceitos são elementos dinâmicos, que se transformam ao longo do tempo, adaptando-se a novas demandas intelectuais e operando como mediadores entre diferentes campos do saber. Essa flexibilidade permite que os conceitos transitem entre disciplinas, contribuindo para a construção de epistemologias mais complexas e integradas (BAUMAN, 2001, p. 89).

Ao adotar uma abordagem interdisciplinar, abre-se um horizonte amplo para que o conhecimento ultrapasse as fronteiras rígidas das disciplinas, permitindo a emergência de epistemologias mais inclusivas e integradas. Nesse contexto, a interdisciplinaridade não é apenas uma estratégia metodológica, mas também um exercício criativo e inventivo, alinhando-se ao pensamento de Michel de Certeau. Para ele, o cotidiano é um espaço de reinvenção, onde as práticas táticas se contrapõem às estratégias dominantes, subvertendo as lógicas estabelecidas e gerando novas possibilidades de significado (CERTEAU, 2014, p. 93).

A articulação entre disciplinas torna-se crucial para ampliar a compreensão das práticas cotidianas, interpretando-as como espaços vivos de resistência e transformação. Enquanto Certeau privilegia a dimensão prática e tática, Barros oferece instrumentos teóricos que enriquecem essa análise, propondo um olhar plural e dinâmico sobre os fenômenos sociais. Por exemplo, ao se investigar a ocupação de um espaço urbano, a interdisciplinaridade permite a mobilização de perspectivas diversas — da sociologia à arte, da geografia à antropologia —, criando narrativas mais completas e abertas ao diálogo entre diferentes saberes.

Esse movimento de conexão entre saberes promove uma verdadeira reconstrução epistemológica. Ele rompe com o paradigma fragmentado da modernidade, propondo uma visão mais colaborativa e sistêmica, que dialoga com a "ecologia de saberes" de Boaventura de Sousa Santos e o "pensamento complexo" de Edgar Morin. Nessa perspectiva, o conhecimento deixa de ser uma prática isolada e passa a ser compreendido como um processo coletivo e contínuo de ressignificação, em que as práticas cotidianas,

os saberes marginais e os métodos interdisciplinares se articulam para enfrentar os desafios contemporâneos.

Nesse contexto, a inventio desempenha um papel central. Entendida como o ato de "encontrar", no sentido etimológico, a inventio transcende a mera busca e se estabelece como uma prática de criação e descoberta. Ela exige coragem para explorar o novo, habilidade para conectar elementos dispersos e disposição para desafiar as formas estabelecidas de pensar. Essa postura criativa, enraizada na subjetividade e na alteridade, amplia os horizontes do conhecimento, transformando a fragmentação em oportunidades de inovação. Mais do que uma técnica, a inventio é um compromisso ético e epistemológico que valoriza a diversidade e abre caminhos para a construção de uma sociedade mais plural e criativa.

Considerações finais

A modernidade, enquanto projeto histórico e cultural, apresentou-se como uma promessa de progresso e emancipação, mas revelou contradições profundas que continuam a moldar nossas sociedades e epistemologias. O controle disciplinar e a exclusão de saberes marginais evidenciam os limites de um paradigma que privilegia a especialização em detrimento da totalidade e da integração. Ao mesmo tempo, a modernidade líquida de Bauman expõe a fragilidade das estruturas tradicionais, desafiando-nos a repensar nossas formas de compreender e interagir com o mundo em transformação.

Michel de Certeau nos oferece um caminho alternativo ao destacar o potencial das práticas cotidianas como espaços de resistência criativa e subversão das lógicas dominantes. Suas "táticas" revelam que, mesmo diante de estruturas opressivas, os sujeitos encontram maneiras de ressignificar o mundo e produzir novos sentidos. Essa perspectiva é enriquecida pela proposta de Boaventura de Sousa Santos de uma "ecologia de saberes", que valoriza a pluralidade e a integração de epistemologias diversas, e pelo pensamento complexo de Edgar Morin, que nos convida a transcender as fragmentações disciplinares para construir uma visão mais abrangente e conectada da realidade.

O conceito de inventio emerge nesse contexto como uma prática essencial para a reconstrução epistemológica. Mais do que uma técnica de descoberta, a inventio é uma postura criativa e ética que desafia os limites impostos pelas estruturas hegemônicas, conectando o saber ao fazer, a teoria à prática, e o local ao global. Ela nos lembra que o conhecimento não é apenas acumulativo, mas transformador, capaz de integrar a diversidade das experiências humanas em narrativas mais inclusivas e dinâmicas.

Dessa forma, este artigo buscou articular as tensões e possibilidades da modernidade com as contribuições de autores que oferecem alternativas ao paradigma dominante. A partir da valorização das práticas cotidianas, dos saberes marginais e da interdisciplinaridade, propõe-se um movimento de reconstrução epistemológica que reconheça a complexidade do real e celebre a criatividade e a alteridade como forças transformadoras. Em um mundo marcado pela fluidez e pela incerteza, a abertura para novas formas de pensar e criar é não apenas desejável, mas indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, plural e inovadora.

Referências bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. Os conceitos: seus usos nas ciências humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENTO XVI. Caritas in Veritate. Vaticano, 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 9 dez. 2024.

DERRIDA, Jacques. O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero? In: N

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. Cristianismo em fragmentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LEVINAS, Emmanuel. Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo. Lisboa: Edições 70, 1980.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 1988.